

Olá, Taverneira!

Everton Bonfim

Livre adaptação da obra “Noite na Taverna” de Álvares de Azevedo

PERSONAGENS

Chifruda

Mulher do Capitão

Zé Roela

Archibald

Zé do Pito

Velho

Baleia

Capitão

Baguá

Salvador 1

Salvador 2

Solfieri

Bagaça

Taverneira

Fronha

Joham

Marmota

Bertram

Marujo 1

Marujo 2

Marujo 3

CENA 1

(Entrada em bloco – Movimento Engrenagem = Os atores entram colados uns aos outros, dizendo uma frase de chegada no bar. Caminham até a frente do palco).

Chifruda – Aaaaaiiii chega! Essa falação no meu ouvido. O garçom, cadê o meu cu-deburro?

Zé Roela – Me desculpe senhorita, é que o limão acabou.

Chifruda – Ô Bodega!!!

Todos – “Tomo limonada pra cagar de madrugada / Tomo caipirinha pra cagar de manhãzinha / Quero cagar, não posso! / Bundão, mas que bundão / Bundão, mas que bundão” *(Percussão)*

(O Bloco se desfaz e os atores caminham pelo bar formando um círculo deixando o público no centro. Aos poucos vão parando de tocar os instrumentos e formando estátuas. Apenas o Baguá com a gaita permanece tocando e dançando. Em silêncio as estátuas mudam p/ uma posição de reprovação. O Baguá percebe e todos voltam à estátua original. Segundos de silêncio, e agora quem esqueceu a marcação foi o Baleia).

Zé do Pito – *(mexendo só a boca)* Ei Baleia, ei Baleia!

Baleia – *(mexendo só a boca)* O que foi?

Zé do Pito – É sua vez de tocar.

Baleia – E agora, o que eu faço?

Zé do Pito – Disfarça e toca.

CENA 2

(Baleia desmancha a estatua, se desfaz do tambor e começa a fazer percussão corporal. Todos reagem às batidas. Zé do Pito entra no círculo).

Zé do Pito – Encontro em meu corpo abrigo para as memórias vivas consagradas como enigmas. O oráculo da mente sobrevive através das descobertas de si mesmo, uma espécie de amparo para a alma. Danço e proclamo outras vidas, que não a minha, mas iguais a minha...vontades que me levam ao encontro do que sempre procurei e que chamam de TEATRO!!! *(Breque na percussão)*

(Zé do Pito senta em uma mesa junto ao público e começa a bolar um cigarro)

Chifruda – Ahahahaha! Ele está vivo! Ele não morreu! Ahahahaha!!!!

Fronha – Cala essa boca Chifruda, quer queimar nosso filme.

(Baleia entra na roda)

Baleia – A maneira de falar difama-o completamente. Vai Amadeu, confessa sua limitação. Traga sua angustia passada a ferro e fogo. O sangue quente possibilita uma reação mais eficaz. Confesse! Confesse!

(Bagaça entra na roda)

Bagaça – Vai que você fica famoso cantando meia dúzia de palavras. Amadeu talvez o teu rosto sirva para o que eles queiram.

(Zé Roela entra na roda)

Zé Roela – Não diz nada Amadeu. Não abra essa boca. Viver para trabalhar Amadeu, é como levar um dia após o outro... *(puxa)* na maciota da brisa da manhã.

(Cabeção entra na roda)

Fronha – O seu dia começa ali, respira o ar gelado e alonga seu corpo para uma caminhada.

(Baguá permanece no lugar)

Baguá – Se fazendo de interferência humana.

(Chifruda entra na roda)

Chifruda – Olha Amadeu, pra não dizerem que estamos aproveitando da situação. Digo mais. Homens de bem sufocam os oportunistas. Vigias apontam direções contrárias.

(Marmota entra na roda)

Marmota – Está na hora de apontar as injustiças Amadeu. Que comecemos aqui mesmo...

Todos – Dentro deste círculo de amadores.

CENA 3

(Zé do Pito ascende o cigarro e canta. Enquanto Zé do Pito canta os atores descobrem que estão em um navio= movimento do mar).

Zé do Pito – “Se tudo pode acontecer / Se pode acontecer qualquer coisa / Um deserto florescer / Uma nuvem cheia não chover / Pode alguém aparecer / E acontecer de ser você / Um cometa vira o chão / Um relâmpago na escuridão” *(Sai de cena)*

(Movimento =Transformação do Navio para a Taverna. Os atores cantam e se preparam para a “Noite na Taverna”).

Todos – “Se você fosse sincera, oôôô, Aurora, ai que bom, que bom que era, oôôô, Aurora!” *(Vão formando o movimento=balcão)*

CENA 4

(Ouve-se o sino da entrada na Taverna, todos se voltam para a porta... um homem encapuzado fazendo cena de suspense... há um comentário geral entre os taverneiros - quem será? – você conhece? – parece assombração! Será que vai ficar plantado na porta?).

(No meio da falação a Taverneira grita)

Taverneira – Ô bando de homem froxo, não estão vendo que é Bertram querendo assustar a gente!

(Bertram chega com um garrafão de vinho na mão)

Bertram – *(toma o vinho)* Ao vinho! Agora ouvi-me, senhores. Sabeis, uma mulher levou-me a perdição. Foi ela, quem fez-me num dia ter três duelos com meus três melhores amigos, abrir três túmulos àqueles que mais me amavam na vida – e depois, depois sentir-me só e abandonado no mundo... ora, ânimo senhores! Trago vinho, enchei os copos!

Taverneira – È proibido entrar com bebidas na Taverna.

Todos – Olá Taverneira!

(Os taverneiros não dão a mínima para a Taverneira. Bertram enquanto enche as canecas, continua sua estória...).

Bertram – Um dia, senhores, saciado de vinho e mulheres, eu ia suicidar-me. Subi a um rochedo ao lado da praia: daí minha última voz foi uma blasfêmia. A sede da vida veio ardente.

(Rochedo)

Salvador 1 – Não faça isso, deixe-me ajuda-lo.

(O salvador segura os pés de Bertram)

(Bertram o deixa cair no precipício)

(Taverna)

Bertram – Apertei aquele que me socorria; fiz tanto que sem querê-lo, matei-o. Cansado do esforço desmaiei...

CENA 5

(Os taverneiros se transformam em marinheiros)

Marujo 1 – Homem ao mar!

Salvador 2 – Deixe-me salva-lo capitão?

Capitão – Ordem concedida.

(O Salvador pula no mar para salvar Bertram. O Salvador morre afogado e Bertram sobrevive, ele acorda com o capitão batendo no seu rosto).

Capitão – Acorda! Perdi um dos meus homens por sua causa.

(Bertram acorda)

Capitão – Quem és?

Bertram – Um desgraçado que não pode viver na terra e não deixaram morrer no mar.

Marujo 2 – Se quiser ficar vai ter que servir a nós.

Marujo 3 – Queres continuar a bordo?

Bertram – A menos que não prefira atirar-me ao mar.

Mulher do capitão – Não faríamos isso: tens uma bela figura.

Marujo 1 – E então, servirás?

Bertram – Servirei. Ou melhor, não! Deixarei que me atirem ao mar.

Capitão – Não queres servir? Queres então viajar de braços cruzados?

Marujo 1 – Vamos mata-lo Capitão!

Bertram – Não! Quando for a hora da manobra dormirei, mas quando vier a hora do combate ninguém será mais valente do que eu.

Capitão – Muito bem: gosto de ti.

*(Os marujos se revoltam e saem remando de volta para o balcão da Taverna)
(Permanecem o Capitão, sua mulher e Bertram).*

Capitão – *(abraçando sua mulher e dizendo a Bertram)* Agora que estamos conhecidos, dize-me teu nome e tua história.

Bertram – Meu nome é Bertram. Minha história? Escutai: O passado é um tumulto! Perguntai ao sepulcro a historia do cadáver!

CENA 6

(Na Taverna)

Bertram – *(p/ os taverneiros do balcão)* O comandante trazia a bordo uma bela moça. Nunca ninguém lhe vira olhares de orgulho, nem lhe ouvira palavras de cólera: era uma santa. O comandante a estremecia como um louco...

(No Navio)

(Cena: Trepada do comandante com sua mulher)

(Enquanto isso na Taverna...).

Joham – O Taverneira, sua chulapa veia, minha caneca tá vazia!

Solfieri – E ela, Bertram?

Bertram – Ela no meio de sua melancolia, de sua tristeza e sua palidez, ela sorria às vezes quando cismava sozinha, mas era um sorrir tão triste que doía. Coitada. *(Vai até o Navio)*

Archibald – Por que empalideces, Solfieri! A vida é assim meu caro amigo.

Joham – Tu o sabes como eu o sei. O que é o homem? O que é a existência?

Solfieri – Miséria! Loucura!

(O sino da taverna anuncia a chegada do Velho)

Velho – Muito bem! Miséria e loucura!

Archibald – Quem és, velho?

Velho – Boa noite, senhores! Se houver mais uma taça na vossa mesa, enchei-a até às bordas e beberei convosco.

Joham – Quem és?

Velho – Quem eu sou? Fica difícil dizer: Corri muito mundo, a cada instante mudando de nome e de vida. Fui um poeta aos vinte anos, um libertino aos trinta, sou um vagabundo sem pátria e sem crenças aos quarenta. Sentei-me a sombra de todos os sóis, beijei lábios de mulheres de todos os países... *(Tira uma caveira do bolso)*

Solfieri – Uma caveira! És um profanador de sepulturas.

Velho – Pelas bossas dessa cabeça quem poderia ser esse homem?

Archibald – Talvez um poeta... talvez um louco.

Velho – Muito bem! Adivinhastes. Enchei as taças até a borda! Enchei-as e bebei; bebei a lembrança do cérebro que ardeu nesse crânio, da alma que aí habitou, do poeta louco! *(O Velho esvazia o copo e sai).*

CENA 7

(Bertram volta do Navio)

Bertram – Senhores, preparem-se! O que vou dizer-vos é uma lembrança horrível. Amei-a *(apontando para a mulher do Capitão)*. Ela amou-me também. Uma vez ao madrugada, o gajeiro assinalou um navio. Meia hora depois desconfiou que era um pirata. Os navios ficaram lado a lado. O combate tornou-se sangrento – era um matadouro.

Joham – Olá, mulher taverneira, maldita, não vês que o vinho acabou-se?

Taverneira – Já vou, cacete!

Bertram – Depois foi um quadro horrível! Éramos nós numa jangada no meio do mar. Eu, o Comandante e sua Mulher. Não havia mais alimentos, e no homem despertava a voz do instinto. Tiramos a sorte... o comandante teve por lei morrer. *(Bertram volta para o Navio e começa uma luta com Capitão)*

Mulher do Capitão – *(enlouquecendo)* Parece que a morte no oceano é terrível para os homens: quando o sangue lhes salpica as faces, lhes ensopa as mãos... eles tremem diante dessa caveira fria da morte!

(Bertram vence a luta) (Deixa o corpo e se aproxima do Balcão)

Bertram – Aquele cadáver foi nosso alimento dois dias...

(Na jangada. Cena: Mulher comendo cadáver).

Bertram – *(no balcão)* Eu e a mulher do comandante passamos um dia, dois, sem comer nem beber... Então ela propôs-me morrer comigo.

(A mulher invade a Taverna)

Mulher – Vamos morrer juntos. *(Puxa Bertram para a jangada)*

Bertram – Era o gozo febril que podem ter duas criaturas em delírio de morte.

Mulher – Vamos morrer juntos meu amor. *(gargalhadas)*

Bertram – Estava louca. Não dormi, não podia dormir. Tinha febre no cérebro... e meu estomago tinha fome.

(A mulher está surtada, Bertram a aperta em seus braços e a sufoca).

Bertram – Não sei que delírio estranho se apoderou de mim. Uma vertigem me rodeava. De repente senti-me só. Quantas horas, quantos dias passei naquela sonolência nem o sei. Quando acordei desse pesadelo, estava a bordo desta TAVERNA!

Todos – Olá, Taverneira, bastarda de Satã! Não vês que tenho sede e as garrafas estão secas, secas como tua face e como nossas gargantas?

Taverneira – Já vou, cacete!

(Percussão – Música para passar o chapéu)

FIM